

O que lê uma feminista? - gênero, universidade e profissão docente na biblioteca de Heleith Saffioti

Carolina Cechella Philippi

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,
Faculdade de Ciências e Letras. Brasil.
carolina.philippi@unesp.br | 0000-0001-6121-254X

Anaterra Carrara Feltre

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,
Faculdade de Ciências e Letras. Brasil.
anaterra.feltre@unesp.br | 0000-0002-8885-7433

Marina Silva de Oliveira

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras. Brasil.
marina.oliveirao7@unesp.br | 0009-0000-3059-1962

Resumo

Este artigo tematiza aspectos da história da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (parte da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Araraquara - SP/Brasil) pela via da análise da biblioteca pessoal de uma das primeiras docentes do curso de Ciências Sociais da instituição. Busca, portanto, mapear temáticas de interesse e a recorrência de marcas de leitura nos livros sobre educação presentes em seu acervo pessoal, bem como tensionar o seu processo de institucionalização junto à universidade pública. Para tanto, se ampara em veios já abertos pelos estudos históricos, pela Arquivologia e pela História da Educação ao entender tal biblioteca pessoal e seu processo de custódia como indiciários não somente de parte da história da universidade, mas da narrativa que a instituição buscou construir a seu respeito pela via da constituição de seu acervo. Em lugar de considerações finais, faz ver a institucionalização deste acervo pessoal como um dos mecanismos utilizados pela Universidade para patrimonializar alguns aspectos específicos de sua história.

87

Palavras-chave:

Acervo de professores; Profissão docente; História da Educação

¿Lo que lee una feminista? Género, universidad y profesión docente en la biblioteca personal de Heleith Saffioti

Resumen

Este artículo trata de aspectos de la historia de la Facultad de Ciencias y Letras de Araraquara (parte de la Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Araraquara - SP/Brasil) por medio del análisis de la biblioteca personal de una de las primeras docentes del curso de grado en Ciencias Sociales de la institución. Tiene como objetivo, por consiguiente, mapear los temas de interés y la repetición de marcas de lectura en los libros sobre educación disponibles en su acervo personal, problematizando su proceso de institucionalización junto a la universidad pública. Para eso, se apoya en textos ya publicados en los campos de los estudios históricos, de la Archivología y de la Historia de la Educación, entendiendo esta biblioteca personal y su proceso de custodia como indicios de la historia de la universidad y de

la manera por la cual tal historia fue contada por la constitución de su acervo. En lugar de consideraciones finales, defiende que la institucionalización de este acervo personal es uno de los mecanismos utilizados por la universidad para patrimonializar algunas características específicas de su historia.

Palabras clave:

Acervo de educadores; Profesión docente; História de la Educación

What does a feminist read? Gender, university and teaching profession in the personal library of Heleith Saffioti

Abstract

This article focuses in Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (part of São Paulo State University/UNESP, campus of Araraquara - SP/Brasil) historical aspects by analyzing the personal library of one of the first university's teacher, Heleith Saffioti. This article aims to present the themes of interest and the reader's inscriptions in the books about education in her personal archive. Moreover, problematizes the process of institutionalization of this personal library inside the public university. To this, this paper uses as theoretical reference the studies already published by the historical studies, Archivology and the History of Education by understanding this personal library as part of the history that the university builds about itself through the institution's archive. As conclusions, highlights this archive institutionalization as one of the methods used by the University to patrimonialize some specific aspects of its history.

Keywords:

Teacher's archive; Teaching Profession; History of Education

88

Aspectos introdutórios

Não são poucas as publicações que tensionam e tematizam a densidade das relações entre a universidade brasileira e a configuração política que a ela se articula. Seja pela via da sua institucionalização, das intervenções sofridas ou dos sujeitos formados, o espaço universitário seguiu sendo tema de pesquisa potente. Sobretudo no campo da História da Educação, seus interesses incorporaram também o rastreamento, entendimento e análise do processo de formação dos acervos, pessoais ou institucionais, custodiados pelas universidades públicas (cf. Almeida, 2021; Campos, 2014; Santos & Tenaglia, 2024). Neste sentido, pesam considerações como as de Heloísa Belloto (1998; 1989), para quem a custódia de arquivos das mais diversas características e tipologias traz à universidade amplas possibilidades de estudo e pesquisa, quando ordenados por uma política de gestão documental estruturada.

Este artigo, por sua vez, se ocupa da apresentação e do tensionamento da forma pela qual um acervo pessoal^{1,2} foi custodiado por uma universidade pública brasileira – mais

¹ Sobre a operacionalização das marcas e rastros de leitura como fonte para uma história das práticas leitoras, conferir Cunha (2012) e Cunha e Souza (2015).

² Conforme listado no site institucional da Biblioteca Universitária, o acervo conta com as seguintes coleções especiais: a Sala de Estudos Clássicos, acervo particular da Professora Gilda Maria Reale Starvnski; o Centro de Estudos Portugueses - Jorge de Sena; a Sala de Estudos Sociais - Coleção Octavio Ianni; a Coleção Yedda e Augusto Frederico Schmidt e a Biblioteca Sônia Sterman Ferraz e José Bento Faria Ferraz e a Biblioteca Heleith Saffioti (localizada na Chácara Sapucaia).

especificamente, a Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, uma das unidades da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Interessou, neste esforço, rastrear os vestígios da história da instituição presentes nos itens arquivados, já que eles foram doados por uma das primeiras docentes da universidade, bem como as intencionalidades envolvidas nos atos de doação e nos processos de institucionalização da coleção junto à Faculdade.

Especificamente aqui, as análises se endereçam à biblioteca pessoal da professora Heleieth Saffioti. Tal biblioteca, pois, é parte do seu acervo pessoal e dividiu espaço com outras tantas tipologias documentais³ que o compuseram. Nela, buscou-se analisar os adensamentos temáticos das obras, bem como mapear os rastros da leitora em seus livros, sobretudo por meio das marcas de leitura deixadas. Isso porque, para uma via interpretativa calcada no estudo das práticas de leitura (Cf. Pinto, 2004; Chartier, 1998), perceber a multiplicidade dos itens de uma biblioteca, bem como dos vestígios de práticas leitoras ali deixados, é fermento para uma leitura do sujeito que a habitou e de sua relação com a universidade. Ademais, coube também neste artigo o estabelecimento de reflexões a respeito das escolhas institucionais e dos tratos pessoais que ordenaram a incorporação deste acervo pessoal aos fundos documentais da universidade. Afinal, para além dos possíveis interesses temáticos e históricos, a custódia, salvaguarda e disponibilização para consulta de documentos oriundos de acervos pessoais envolve cuidados próprios a fim de evitar a sua descaracterização enquanto coleção.

Assim sendo, este artigo se divide em três seções subsequentes a estes breves “aspectos introdutórios”. Na primeira, “uma cartografia de interesses”, parte da biblioteca pessoal da professora é esquadrinhada na tentativa de fazer ver, a partir de suas preferências de leitura, fragmentos da relação da docente com a universidade e, posteriormente, da universidade com o seu acervo. Nele, são apresentados pontos da trajetória da professora Heleieth Saffioti a partir, sobretudo, da análise de parte dos itens de sua biblioteca pessoal. Já em “a biblioteca da professora”, a análise se adensa ao retomar os estudos sobre acervos pessoais já efetuados nos campos da Arquivologia, dos estudos históricos e da História da Educação. Interessou, neste momento, apresentar a docente em sua relação com o acervo, tensionando as escolhas operadas no deslizamento da coleção do espaço privado para o público como indícios da história da universidade pela história da composição do seu acervo. Por fim, em lugar de considerações finais, são elencados pontos de tensionamento e enovelamento que permitem perceber a relação entre a professora e a universidade e, consequentemente, entre seu acervo pessoal e a constituição do acervo da instituição.

89

Uma cartografia de interesses

Os livros sobre Educação não são, nem de longe, maioria na biblioteca pessoal de Heleieth Saffioti. Dos mais de sete mil livros presentes no acervo, somente 262 estão enquadrados nesta categoria (quadro 1). Eles, por sua vez, dividem espaço com categorias muito mais bem representadas numericamente, tais como Sociologia (1397), Mulher (578), História (476)

³ Foram consideradas as diferentes tipologias documentais de acordo com as diferenças de suporte físico e finalidade dos documentos (Baeza, 2004).

e Filosofia (418) (Alves, 2015, p. 51). O dado, pois, não espanta, já que foi por suas incursões no campo da Sociologia pelo viés de gênero que a atuação da professora foi mais fortemente reconhecida. Ela, orientada por Florestan Fernandes, escolheu como objeto o impacto das relações capitalistas de trabalho na vivência das mulheres desde a defesa de sua livre docência, no ano de 1967, junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (atual Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus Araraquara) (Nascimento, 2022b). Desde então, seguiu se ocupando da análise da profissionalização feminina e, a partir do final da década de 1980, também da especificidade da violência dirigida à mulher (Motta, 2019; Gonçalves, 2011; Pinto, 2014).

Quadro. Catalogação e classificação dos livros presentes na biblioteca de Heleieth Saffioti, conforme categorias organizadas pelos servidores da biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAr/ Unesp).

Categoría	Quantidade
Administração	42
Antropologia	142
Artes	37
Biografia	115
Ciência Política	725
Ciências	126
Comunismo	347
Dicionário	89
Direito	178
Economia	765
Educação	262
Estudo de Gênero	205
Enciclopédia	26
Feminismo	366
Filosofia	418
Geografia	42
História	476
Línguas	51
Literatura	247
Mulher	578
Multidisciplinar	27
Psicología	335
Religião	70
Serviço Social	23
Sexualidade	114
Sociología	1397
Trabalho	326
	7529

Fonte: elaborado pelos funcionários da biblioteca universitária da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAr/ Unesp).

Já quando da defesa de sua Livre Docência, Heleieth Saffioti era parte do corpo docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (Silva, n.d.). A socióloga candidatou-se para a cadeira de Sociologia e Fundamentos Sociológicos da Educação, sendo tal cadeira composta pelas seguintes disciplinas: sociologia sistemática, estratificação social e estrutura de classe, metodologia e técnicas de pesquisa, curso monográfico sobre Weber, sociologia do trabalho, sociologia geral e sociologia da educação (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, 1967). Nessa ocasião, o curso de Ciências Sociais era ainda recente junto à Faculdade, sendo um local possível de trabalho para a jovem professora. Assim sendo, Heleieth Saffioti compunha os quadros da instituição desde os seus primeiros anos de funcionamento, tendo sido uma das primeiras docentes do Curso de Ciências Sociais, formalizado em 1963 (Sanches, s.d.).

Seus primeiros anos de trabalho junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara foram, contudo, marcados pelo contexto político autoritário que então atravessava o país. Isso porque sua contratação inicial, antes mesmo da defesa da Livre Docência, se deu na antessala do golpe que mergulhou o país em uma Ditadura Militar⁴ que durou mais de vinte anos. Neste ínterim, Heleieth Saffioti viu serem perseguidos sujeitos que ocuparam lugares diversos em sua trajetória intelectual e afetiva. Dentre eles, vale destacar o seu orientador e professor, Florestan Fernandes, forçado a deixar o país pouco após a publicação do Ato Institucional nº 5 (Freitag, 2005). A isso somou-se ainda a alcunha de comunistas dirigida a ela e ao marido, Waldemar Saffioti, já endossada pelos moradores da cidade, segundo seu próprio relato:

91

Na cidade, o Saffioti e eu – olha que era grave nossa situação, nós dois éramos tidos como comunistas [...]. Então a cidade dizia que [...] que nós éramos da linha chinesa e eles [Salomão e Fanny Tabak] eram da linha russa, enfim, umas besteiras. Mas a cidade nos recebeu muito mal, porque mulher sozinha era puta direto e mulher casada não recebia esse sobrenome, mas era no mínimocomunista, a não ser que fosse uma reacionária daquelas para não ser considerada comunista (Gonçalves & Branco, 2011, p. 72).

Ambas as condições - de mulher e marxista - deixaram também marcas no seu acervo pessoal, inclusive naquele que é indício da sua prática docente. Seja nos registros institucionais da universidade, na ata do concurso de livre docência ou na listagem de livros existentes em sua biblioteca pessoal, temas como feminismo, estudos de gênero, mulher, sociologia, comunismo e ciência política são numericamente bem representados (conferir quadro 1). Tais categorias, pois, dizem respeito diretamente aos temas de estudo que lhe foram caros, reforçando como característica específica da coleção o fato de ela se tratar de uma biblioteca de trabalho. Contudo, categorias menos óbvias tiveram alguma representatividade, tais como literatura, religião e educação.

⁴ Em que pese os debates a respeito da conceituação do período, neste texto o período será citado sob a alcunha de Ditadura Militar por considerar que, apesar do apoio civil e empresarial, o grupo hegemônico a se beneficiar do Golpe de 1964 e da configuração política armada em seguida foi o dos militares.

Especificamente sobre esta última, alguns pontos merecem destaque. Primeiramente, como objeto de estudo, a educação escolar não aparece na bibliografia publicada por Heleith Saffioti. Sua obra, como já dito, tem sua demarcação no estudo das relações de trabalho das mulheres no sistema capitalista e as violências contra elas impetradas. Depois da defesa de sua livre docência, na qual entrevistou professoras primárias e operárias (Saffioti, 1969), tampouco o trabalho docente ganhou centralidade em suas análises posteriores. Contudo, a categoria “educação” se fez ver na sua biblioteca pessoal, com destaque expressivo à subárea de História da Educação (quadro 2).

Quadro 2. Temáticas dos livros presentes na categoria “Educação”, da biblioteca pessoal de Heleith Saffioti.

Categoria*	Quantidade
Administração Educacional	5
Antropologia Educacional	1
Aval. de sistemas, inst. planos e programas educacionais	3
Curriculum	1
Economia da Educação	4
Educação de Adultos	6
Educação Permanente	2
Educação pré-escolar	2
Educação profissionalizante	2
Educação Rural	1
Ensino-aprendizagem	1
Filosofia da Educação	25
História da Educação	113
Métodos e técnicas de ensino	1
Orientação Educacional	1
Outros	27
Planejamento e Avaliação Educacional	1
Planejamento Educacional	2
Política Educacional	14
Psicologia da Educação	6
Sociologia da Educação	43
Teorias da Instrução	2

* As categorias adotadas levaram em consideração a tabela de áreas do conhecimento estabelecidas pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para classificação e avaliação da Pós-Graduação nacional. A tabela é de 2022, tendo sido atualizada em 2024 (BRASIL, 2024). Fonte: elaborado pela autora Anaterra Carrara Feltre.

Dentre os livros sobre o tema, a variedade foi grande. Nesta categoria foram acomodados títulos como “O magistério primário numa sociedade de classes” (1969), de autoria de Luiz Pereira, “Educação e luta de classes” (1963), de Aníbal Ponce e “A universidade necessária” (1969), de Darcy Ribeiro - todos comungando com a perspectiva teórica da professora, declaradamente marxista. A tais obras fizeram ainda companhia compilados

históricos sobre o tema, tais quais “História da Educação no Brasil (1930-1973)” (1978), de Otaíza Romanelli, e “História da Educação” (1989), de Maria Lúcia de Arruda Aranha, bem como livros cuja temática se aproximou da análise das práticas culturais. Dentre eles, destacam-se “O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)” (2001) e “Na batalha da educação: correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971) (2000), ambos de autoria de Diana Gonçalves Vidal, bem como “Memória intelectual da educação brasileira” (1999), de Marcos Cesar de Freitas e “A escola e a memória” (2000), de Maria Cecília Cortez e Christiano de Souza. Aqui, a intersecção entre o caráter gendrado de sua preocupação de estudos se fez ver pela presença de livros que tematizassem os impactos da feminização do magistério na constituição da profissão docente. Nesta chave se fizeram ver os livros “Feminização do magistério: vestígios do passado que marcam o presente” (2002), organizado por Maria Christina Siqueira de Souza Campos e Vera Lucia Gaspar da Silva, “Tessitura de destinos - mulher e educação 1910/20/30” (1993), de Maria Cândida Delgado Reis, “Mulher e educação formal no Brasil: estado da arte e bibliografia” (1990), de autoria de Fúlia Rosemberg, Edith Pompeu Piza e Thereza Montenegro, e “*La scolarité des filles*⁵” (1980), de Isabelle Deblé.

Foi, contudo, a reincidência de livros de autoria institucional que chamou a atenção. Embora a sua biblioteca pessoal tenha como característica conter poucas autorias recorrentes, estas, quando ocorreram, fizeram referência principalmente a instituições, organizações e órgãos estatísticos. Só vinculadas ao Ministério da Educação e Cultura, por exemplo, foram listadas seis obras - a saber: “Ensino Superior” (1969), “Reforma Universitária” (1969), “Conferências Internacionais de Instrução Pública - Recomendações” (1965), dois volumes da “Sinopse Estatística do Ensino Médio” (1961 e 1962). Em algumas delas, foi demarcada parceria com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Também a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) se fez ver em um número semelhante de ocorrências, constando como organização responsável pela autoria dos seguintes livros: “A educação no mundo: o ensino de primeiro e segundo graus” (1982), “A educação no mundo: o ensino superior” (1982), “Conferência mundial sobre educação superior (1998), “Guide de l’Unesco pour les professeurs de sciences”⁶ (1981) e “*Interdisciplinarity in higher education*⁷” (1983). Em outras ocasiões, a UNESCO apareceu não como autoria, mas como editora. Nessa categoria, enquadraram-se as publicações “*Les aspects démographiques de la planification de l’enseignement*⁸” (n.d.),

⁵ As categorias adotadas levaram em consideração a tabela de áreas do conhecimento estabelecidas pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para classificação e avaliação da Pós-Graduação nacional. A tabela é de 2022, tendo sido atualizada em 2024 (BRASIL, 2024).

⁶ As categorias adotadas levaram em consideração a tabela de áreas do conhecimento estabelecidas pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para classificação e avaliação da Pós-Graduação nacional. A tabela é de 2022, tendo sido atualizada em 2024 (BRASIL, 2024).

⁷ As categorias adotadas levaram em consideração a tabela de áreas do conhecimento estabelecidas pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para classificação e avaliação da Pós-Graduação nacional. A tabela é de 2022, tendo sido atualizada em 2024 (BRASIL, 2024).

⁸ Na categoria “outros”, acomodaram-se livros que abordaram as seguintes temáticas: abordagem interdisciplinar, abuso sexual, ciências sociais (pós graduação), educação ambiental, educação e economia popular, educação e violência,

“Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro” (2000), “*La scolarité des filles*” (1980), “*Towards a new higher education*⁹” (1997), “*Vocational and technical education*¹⁰” (1967), “*Towards lifelong education: a new role for higher education institutions*¹¹” (1977), “*Las ciencias sociales en enseñanza superior - demografía*” (1961), “*Não aos estereótipos*” (1989), “*La drogue démythifiée*¹²” (1982) e “*Enseignement supérieur emploi et progrès technique en URSS*¹³” (1982).

Dentre os impressos cuja autoria ou edição esteve a cargo desses órgãos, é expressivo o montante de publicações da década de 1960. Ou seja: infere-se que parte destes livros foram os que aparelharam o início de sua prática docente da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara. Na ocasião, dentre o rol de matérias das quais se incumbia, estava Sociologia da Educação (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, 1967), tendo em seu conteúdo programático listados os itens “escola como objeto de estudo sociológico” - ao qual se subordinavam os temas “a escola como grupo instituído”, “a estrutura da escola”, “organização dos sistemas escolares e sua burocratização - e “educação e desenvolvimento”, dentro dos quais se previa o estudo dos “aspectos sociais e econômicos do subdesenvolvimento”, “a educação em face da política de desenvolvimento”, “educação e desenvolvimento no Brasil”, “o sistema educacional brasileiro” e “o dilema educacional brasileiro em face da industrialização e urbanização” (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, 1967). Também nessa época, a educação e a profissão docente foram tema de sua tese de livre docência (Saffioti, 1969).

94

Em boa parte destes livros, estavam presentes marcas de leitura, aqui entendidas como excertos de materialidade deixadas pela prática leitora.¹⁴ Nesta biblioteca pessoal, tais marcas se fizeram ver, sobretudo, pela inscrição de Heleith Saffioti por meio de carimbos (quadro 3) que demarcaram tanto a posse quanto a sua trajetória de leitura. Tal entendimento, pois, se sustenta no fato de que a professora não somente carimbava as primeiras páginas do livro, uma forma comum de afirmar sua propriedade, mas o fazia em páginas diversas ao longo do escrito. Curiosamente, tais marcas operadas a partir do uso de carimbos, comumente, se localizavam nas páginas da direita, mesmo quando usado para demarcar o início de um capítulo que terminaria na outra página. Segundo o mesmo padrão, Heleith Saffioti tinha também o hábito de carimbar as últimas páginas de seus livros, supostamente como afirmações de que aquela leitura estava finalizada. Este padrão se fez ver, por exemplo, nos livros “Conferências Internacionais de Instrução Pública - Recomendações” (1965), “Empregabilidade e Educação - novos caminhos no mundo do trabalho” (1997), “O poder da participação” (1993), “Sintoma Social Dominante e Moralização Infantil - um estudo

educação familiar, educação sexual, educação para responsabilidade social, formação de professores, gênero, sexo e sexism, leis, matemática e filosofia, movimentos sociais populares, educação religiosa (roteiro de aula) e ação coletiva dos professores da cidade de São Paulo.

⁹ Em tradução nossa: “A escolarização das moças”.

¹⁰ Em tradução nossa: “Guia da UNESCO para os professores de ciências”.

¹¹ Em tradução nossa: “Interdisciplinaridade na Educação Superior”.

¹² Em tradução nossa: “Os aspectos demográficos da planificação do ensino”.

¹³ Em tradução nossa: “Rumo a uma nova Educação Superior”.

¹⁴ Em tradução nossa: “Educação vocacional e técnica”.

sobre a educação moral em Émile Durkheim” (1994), “Professoras de amanhã - um estudo de escolha ocupacional” (1965), “Sociedade sem escolas” (1973), “Movimento Estudantil: a UNE na resistência ao golpe de 64” (1986), “Ensino e Educação com Igualdade de Gênero na Infância e na Adolescência” (1996) e “Violência e Educação” (1992).

Quadro 3. Categorização de marcas de leitura presentes nos livros sobre o tema “Educação” na biblioteca pessoal de Heleieth Saffioti.

Marca de leitura	Quantidade
Dedicatória	14
Carimbo	179
Escritas marginais	21
Marca páginas	9
Assinatura	6
Objeto relíquia	12

Fonte: elaborado pela autora Anaterra Carrara Feltre.

95

Dentre as marcas de leitura listadas, o uso dos carimbos se diferenciou das marginálias. Estas últimas, por sua vez, se apresentaram como grifos e sublinhados que demarcaram sua trajetória de leitura pela via do destaque de trechos de interesse, fazendo as vezes de um marca páginas cujo lugar era permanente. Foi este o caso, por exemplo, do impresso “Sinopse estatística do Ensino Médio” (1962), no qual seu carimbo nominal na capa e contracapa conviveu com um sublinhado em vermelho nos conteúdos a respeito dos cursos de graduação existentes, seus estabelecimentos e professores. Também esse padrão se fez ver no livro “Ensino Superior” (1962), publicado em parceria pelo MEC e INEP. Nele, as marcas de leitura representadas por círculos em grafite nos pareceres que lhe interessaram conviveram com dois carimbos de cores diferentes em seis ocasiões¹⁵. Além disso, estiveram também presentes marca-páginas em outras quatro ocasiões. Da forma como aqui se entende e por este artigo se interessar por uma história das práticas da docente, entende-se que o uso pouco tradicional dos carimbos é indício de uma trajetória de leitura que serviu para demarcar paradas, retomadas e intermitências da leitura. Assim sendo, a professora usou-o como mecanismo para fazer ver os tempos e rotinas que envolveram a sua relação com a biblioteca.

Tal biblioteca, especializada e de trabalho, teve a constituição atravessada pela constituição mercadológica do objeto livro, mas passou também pelo crivo do interesse pessoal e da rede de contatos de Heleieth Saffioti. Este último ponto, sobretudo, se faz ver pela existência de uma série de dedicatórias rastreadas nos livros a respeito do tema educação e presentes no seu acervo pessoal. Neste aspecto, interessa destacar que, das catorze dedicatórias mapeadas no material sobre este tema, metade estavam presentes em livros cuja data de publicação esteve circunscrita entre as décadas de 1990 e 2000, quando a professora já tinha

¹⁵ Em tradução nossa: “Em direção a uma educação ao longo da vida: um novo papel para as instituições de Ensino Superior”.

a carreira bastante reconhecida nacional e internacionalmente. Dentre eles, ainda, cinco tinham como tema o ensino universitário¹⁶, seja tematizando a estrutura da instituição ou algum curso em específico.

Para a composição desta coleção, infere-se ainda que foram centrais critérios como utilidade da obra para composição das aulas, circulação em campos disciplinares de interesse da professora e o reconhecimento da autoria. Eles, por sua vez, ganharam relevância em meio a uma configuração na qual a unidade universitária recém se estruturava, não contando portanto com uma biblioteca especializada. Paralelamente, segundo relatos da própria professora, também o campo do marxismo no Brasil se constituía (Gonçalves e Branco, 2011, p. 75), o que a obrigou a seguir em busca de leituras e tecer os próprios referenciais que lhe permitiram entender a Sociologia como campo relacional (Gonçalves e Branco, 2011). Tais densidades e tal configuração, pois, circunscrevem a biblioteca pessoal de Heleith Saffioti, dando a ela suas características laborais e delimitando seu veio de ação com o corpo disciplinar.

Por fim, aqui se entende que, se a densidade da relação entre universidade e política deixa rastros pela heterogeneidade dos sujeitos que atravessam a primeira, fazer ver os acervos pessoais que compõem seus fundos é uma forma de acrescentar camada à escrita desta história. Até aqui, o que se pôde perceber foi a forma pela qual as características da biblioteca pessoal de Heleith Saffioti informam sobre os anos iniciais não somente do curso de Ciências Sociais, mas também da instituição que integrava - a atual Universidade Estadual Paulista. Desta forma, entende-se que sua apresentação e análise, ainda que representativa de somente uma parte do acervo incorporado pela Unesp de Araraquara, é indiciária do cruzamento de um campo disciplinar a partir de uma coleção bibliográfica. Resta, pois, nuanciar a forma pela qual a institucionalização deste acervo pessoal junto à universidade se deu, e as densidades pensadas a partir daí.

96

A biblioteca da professora

Quando da escrita de “Gênero, patriarcado e violência” (Saffioti, 2004), Heleith Saffioti já havia iniciado o processo de doação de sua biblioteca pessoal. Foi, pois, por tal motivo que, ao listar em um capítulo específico da obra uma série de violências sofridas por mulheres ao redor do mundo, a autora recorreu à memória na tentativa de lembrar a série de revistas que lhe trouxe os dados explanados (Saffioti, 2004, p. 52). O caso, pois, ainda que ocupe um espaço pontual no livro e não prejudique as análises feitas, é indicativo das densidades que envolvem o processo de doação e institucionalização de uma biblioteca pessoal.

Isso porque, entre as tratativas iniciais para a doação e a formalização oficial da custódia, o intervalo de tempo e a densidade das negociações foram indiciários das disputas existentes na cessão de acervos pessoais à universidade pública. O processo, pois, teve sua

¹⁶ Em tradução nossa: “A droga desmistificada”.

operacionalização e formalização atravessada por várias temporalidades. Em um primeiro momento, com a professora ainda em vida, foi manifestado o interesse na doação de seu acervo de livros, anotações, rascunhos, cadernos, escritos, fotos e materiais de pesquisa em geral à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Para tanto, a professora fez saber que tal material, de reconhecido valor histórico, literário e científico, deveria ser salvaguardado sob as condições de possibilitar o seu uso em pesquisas, ampliando assim o acesso do público ao conteúdo ali apresentado. Dois anos depois, já após o falecimento de Helelith Saffioti, a universidade reconheceu via ofício a viabilização do recebimento do seu acervo, como também a doação do espaço da Chácara Sapucaia, antiga residência da professora, que deveria servir, a partir de então, para salvaguardar seu acervo e sediar atividades de ensino, pesquisa e extensão (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2012). Depois disso, foi somente em 2015 que se deu a inauguração do espaço destinado à guarda de sua biblioteca pessoal (Chaloba, Mori e Arena, 2021, p. 15).

Tais nuances nas tratativas de doação e institucionalização, por sua vez, não são exclusivas do processo pelo qual passou a biblioteca pessoal de Helelith Saffioti. Tamanhas densidades, pois, já foram inclusive tematizadas tanto pela via da historiografia (Meneses, 1998; Chaloba, Mori e Arena, 2021), quanto da arquivologia (Belloto, 1998; 1989). À primeira, coube realçar a formação dos acervos pessoais na sua interface e interlocução com o outro (Meneses, 1998), bem como a forma pela qual sua institucionalização acaba por entrecruzar trajetórias pessoais e institucionais (Chaloba, Mori e Arena, 2021). Já para o campo da arquivologia, foram centrais as considerações a respeito da necessária estruturação de uma política de gestão arquivística no âmbito das universidades públicas (Belloto, 1998; 1989) e sua centralidade para a disponibilização das informações presentes nestes fundos documentais.

A institucionalização, portanto, de um acervo pessoal pela via da custódia é indicária das negociações de sentido e arranjo que configuram esse processo. No caso da biblioteca pessoal aqui tematizada, as escolhas operadas culminaram no seu acondicionamento na já mencionada Chácara Sapucaia, um centro cultural que compõe a Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, mas que não faz parte do campus universitário. Este deslocamento, vale dizer, é exclusivo desta coleção específica, já que as demais coleções especiais custodiadas pela faculdade estão disponíveis no prédio da Biblioteca Universitária, no interior do campus¹⁷ (Alves, 2015). Cabe ressaltar ainda que a biblioteca pessoal de Helelith Saffioti é uma coleção não circulante, destinando-se tão somente à pesquisa local e respondendo, no sistema de catalogação, a um código específico de indexação. Tais cuidados, pois, vêm para operacionalizar as consultas à coleção sem, contudo, facilitar sua dispersão.

Tamanha precisão de contornos e arranjos tem um porquê. Para Ana Maria de Almeida Camargo (2009; 1998), acervos pessoais são, antes de mais nada, arquivos. E é por o serem que a autora sustenta a necessidade de seu tratamento a partir de princípios de proveniência, na tentativa de mapear sua função precípua e preservar a integridade do fundo. Salvaguardado, dessa forma, o seu princípio organizador, é possível traçar as relações

¹⁷ Em tradução nossa: “Ensino superior, emprego e progresso técnico na URSS”.

que os documentos mantêm entre si e com o todo, facilitando o trabalho do historiador ao tomá-lo como objeto da investigação histórica (Camargo, 2009). Também por isso, o campo da História da Educação tem feito incursões diversas na lida com acervos pessoais, seja na condição de fonte ou de objeto da pesquisa histórica (Garcia, 1998; Gomes, 1998; Meneses, 1998). Nesse sentido, muito já foi dito a respeito seu do entendimento como uma forma de arquivamento de si (Artières, 1998; Vieira, 2023) e de interlocução com o outro (Meneses, 1998), cuja triagem deixa vestígios de progressivos descartes e seleções. Ademais, sua tematização e análise recorrente teve o efeito de consolidar o campo de pesquisa, tendo ampliado reflexões e escopos teóricos (Spohr, 2023). Desta forma, acervos pessoais ganharam destaque tanto como forma de aproximação com narrativas de sujeitos comuns, quanto como meio de rastrear práticas pessoais de acumulação, que são vestígio de uma vida e de processos culturais de uma sociedade.

No que diz respeito especificamente às práticas de arquivamento encampadas por professores, pesa uma diversidade que é sintomática da composição da categoria. Por isso, a historiografia da educação tem se preocupado não apenas com o inventário dos acervos pessoais disponíveis para a pesquisa, mas tem se demorado sobre a densidade de sua salvaguarda e publicização (Almeida, 2021; Schütz, 2022), a especificidade de suas tipologias documentais (Paulilo, 2022) e a subjetividade visível nessas práticas de arquivamento (Cunha, 2019). Quando se trata de acervos de mulheres, é comum que o marcador de gênero atravesse as lógicas de guarda e, por conseguinte, a sua constituição como objeto da pesquisa histórica. Dito de outro modo, sendo os acervos frutos de seleções e ordenamentos que, por sua vez, são resultantes de escolhas pessoais e institucionais, eles operam como

98

[...] produtos e produtores de hierarquizações sociais. Se por um lado materializam as escolhas sobre o que deve ser preservado e, portanto, celebrado, monumentalizado, por outro são também a encarnação de um longo processo de exclusões geralmente levado a cabo de maneira silenciosa, imperceptível, naturalizada (Simioni e Eleutério, 2018).

Tais exclusões, por sua vez, têm sido respondidas com o recrudescimento dos critérios de sistematização e guarda de acervos de mulheres, bem como pelo endereçamento de [...] novas perguntas a velhas fontes já trabalhadas, evidenciando a necessidade de contar com outras que não surgiram de uma instituição ‘oficial’ [tradução nossa]” (Vassalo, 2018, p. 81). Neste esteio, inclusive, “[...] começaram a ser interpretados os vazios e ausências dos registros tradicionais [tradução nossa]” (Vassalo, 2018, p. 81), permitindo que acervos documentais de mulheres sejam tomados como objetos, já que se tratam de [...] espaços legitimadores, produtores e difusores de determinadas memórias” (Cerchiaro e Alves, 2022). Tais deslocamentos, vale dizer, vem também em nome dos impactos dos estudos de gênero e do feminismo na prática da arquivologia, fazendo ganhar cada vez mais peso a organização e análise de conjuntos documentais que façam ver as ações femininas (Cerchiaro e Alves, 2022).

Cabe, portanto, não somente destacar o enovelamento entre práticas de guarda e institucionalização, no caso da biblioteca de Heleieth Saffioti, mas também precisar a forma pela qual a trajetória da professora se faz ser retratada em seu acervo. Ele, como já foi dito,

é composto não somente pela coleção de livros, mas também por uma série de tipologias documentais que dá conta de sua trajetória acadêmica e pessoal, fazendo ver sua produção acadêmica, atuação docente e suas produções científicas. É, pois, por se enveredar por tantas esferas que o quadro de arranjo de seu acervo pessoal dá também conta de tantos deslocamentos (Imagem 1).

Imagen 1. Quadro de arranjo acervo pessoal Heleieth Saffioti



99

Fonte: quadro de arranjo organizado na ocasião de execução do projeto de pesquisa "História da Ciência e da Universidade no interior paulista", submetido ao edital MCT/CNPq/CT-INFRA 03/2003 - Preservação da Memória Científica e Tecnológica Brasileira, coordenado pela professora doutora Rosa Fátima de Souza Chaloba.

Sua biblioteca, por sua vez, dá conta de aspectos sobretudo da sua trajetória acadêmica, por se tratar de um acervo de trabalho e que aborda temáticas que dizem respeito diretamente às suas áreas de interesse, mas às vezes faz ver alguns transbordamentos que são rastros de gostos e afetos pessoais. Isso porque os itens que compõem esta biblioteca pessoal são indiciários de uma cartografia de interesses que, já que enraizada em práticas e trajetórias humanas, não é necessariamente linear. Talvez por isso, livros como uma edição de 1962 de “Fundamentos no marxismo leninismo”, de autoria de Otto Ville Kuusinen, conviveu com a obra “As veias abertas da América Latina”, de Eduardo Galeano, em espanhol, cuja publicação data de 1971 e, mais adiante no tempo, chegaram até mesmo a compor a mesma coleção especial que um exemplar do best-seller “Anjos e Demônios”, de Dan Brown. Ou seja: ainda que a biblioteca pessoal de Heleieth Saffioti seja demarcada pelos temas que orientaram sua trajetória acadêmica e científica, a seleção de seus itens, por vezes, faz também ver gostos pessoais que pouco se relacionam com suas rotinas de trabalho.

Este deslizamento entre privado e público, lazer e trabalho, gostos pessoais e imperativos de guarda, é característico da lógica que estrutura os acervos pessoais. Ainda que sua seleção e doação se dê a partir de uma curadoria - que pode ser do próprio colecionador, de familiares ou até mesmo da instituição custodiadora -, o fato de seu acúmulo ter se dado em torno de gostos, afinidades e demandas pessoais faz ver densidades que, em alguma medida, caracterizam práticas e trajetórias individuais e, portanto, não lineares. No caso específico do acervo e da biblioteca pessoal de Heleith Saffioti, tal deslizamento se fez ver também nas tratativas de doação, sobretudo quando, dentre as condições estipuladas no momento de cessão dos documentos, aparece a garantia do uso público do espaço e da documentação.

Além disso, também a organização de sua biblioteca junto aos fundos da universidade dá pistas de seu tratamento documental. Entendida como uma coleção especial, tal biblioteca foi organizada, catalogada e indexada de acordo com marcadores próprios, na tentativa de evitar sua dispersão e consequente descaracterização. Assim sendo, responde a indexadores específicos no sistema de gestão da biblioteca universitária e está acondicionada em um espaço próprio, dentro do qual não é autorizado o empréstimo ou retirada das obras. Por essa via, pretende-se garantir o seu tratamento a partir do princípio de proveniência que orquestrou o seu acúmulo e salvaguarda (Camargo, 2009) - a saber, a ação intencional da professora.

Ademais, entende-se que a forma pela qual tal biblioteca foi integrada ao acervo institucional permite que se antevejam rastros da história da universidade. Ou seja: ao definir os critérios de raridade que ordenam as coleções especiais, bem como suas condições de guarda e acesso, a instituição opera seleções em torno do que será guardado, e em quais condições. A instituição, portanto, tem autonomia para definir o que é ou não considerado livro raro a partir de características contextuais, tais quais, por exemplo, a sua integração a um conjunto (Fundação Biblioteca Nacional, 2021). Dito de outra forma,

As coleções especiais podem ser definidas a partir dos tipos e funções dos acervos que as incorporam. As instituições criam essas coleções com um intuito e com um propósito, e por isso a análise dessas coleções possibilita uma conceituação a partir da prática vista e entendida na perspectiva nacional. Da mesma forma que Araújo (2015) defende a consideração da relação entre a interpretação documental e a função social dos itens para atribuição de raridade bibliográfica nas instituições, o processo de formação de coleções especiais também deve observar estes elementos, de modo que estes acervos não estejam dissociados da função social das bibliotecas onde estão inseridos (Greenhalgh; Giuberti, 2022, p. 33).

No caso da biblioteca universitária da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, cujo acervo teve início a partir da doação e compra de acervos pessoais (Alves, 2015, p. 49), a formação das coleções especiais esteve atrelada às características de tais acervos. Tais características deram o tom e deixaram rastros no perfil de suas aquisições, já que se entende que as bibliotecas universitárias informam sobre sua origem, função ou identidade (Alves, 2015, p. 45-46). Nesse sentido, o acervo de Heleith Saffioti - e, consequentemente,

sua biblioteca pessoal - tem um lugar biográfico na instituição, na medida que informa sobre todo um quadro de referências mobilizado em sua trajetória docente e sobre as marcas institucionais que informam sobre a história da universidade e de sua biblioteca. A partir dela, pois, é possível não somente um cruzamento com o campo disciplinar, mas a problematização dos mecanismos pelos quais a Faculdade de Ciências e Letras constituem as narrativas a respeito de sua trajetória a partir de seu acervo institucional.

Em lugar de considerações finais: uma fotografia da universidade

Se a forma como uma instituição organiza seus critérios de catalogação e raridade na gestão de suas bibliotecas e coleções especiais deixa rastros na forma como seus acervos se organizam, entende-se que a biblioteca pessoal de Heleieth Saffioti é indiciária da lógica que a Faculdade de Ciências e Letras operou na organização de seu acervo e na história contada a partir dele. Na condição de custodiadora, portanto, a universidade operou seleções e tratativas em torno do que deveria ser institucionalizado como parte de seus fundos e, consequentemente, de quais coleções especiais deveriam ser aceitas para compô-lo. A isso, soma-se ainda o fato de que, quando do início da carreira de Heleieth Saffioti junto à instituição, não havia um acervo institucional que servisse de base e apoio para a organização das suas atividades docentes e de pesquisa. Pode-se, pois, inferir que a partir de seu acervo pessoal é possível perceber um enquadramento do que era lecionado nas disciplinas que eram de sua responsabilidade e do campo de pesquisa que se estruturava ao longo das décadas de 1960 e 1970. Talvez por isso, a institucionalização e custódia da biblioteca pessoal de Heleieth Saffioti junto à universidade se deu, merecendo aqui destaque o adendo feito em vida pela própria doadora a respeito do uso público da coleção.

Ademais, se “a organização de um arquivo pessoal implica considerar o que levou a se atribuir valor permanente aos arquivos de uma determinada pessoa e o que isso significa” (Paulilo, 2022, p. 1626), cabe ao historiador da educação olhar não somente para a relevância e proeminência do acervo, mas também para a forma pela qual ele foi memorializado e monumentalizado junto à universidade. No caso aqui analisado, o foco da iniciativa de arquivamento é a atuação docente e acadêmica da colecionadora que, não por acaso, trabalhou na instituição por boa parte da vida. Já sobre as intencionalidades que moveram Heleieth Saffioti para a acumulação, organização e doação do acervo, é possível apenas estabelecer suposições. Por isso, mais interessante do que alimentar essa especulação é inventariar as repercussões de sua preservação para a narrativa que a Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara escolhe contar sobre si mesma.

Não por acaso, o maior campus da Universidade Estadual Paulista voltado ao ensino de humanidades escolheu custodiar e divulgar o acervo de uma socióloga marxista cuja carreira se destacou não somente no campo acadêmico, mas também na estruturação de políticas públicas. Ademais, tal acervo pessoal, cujo conjunto é composto também por sua biblioteca, foi salvaguardado em uma “casa museu”, na qual a construção da sua identidade e a apresentação do seu acervo exposto se dá pela emulação do ambiente em seu momento de uso (Chaloba, Mori e Arena, 2021, p. 15 - 16). Levando isso em conta e considerando

que a forma pela qual a memória se institucionaliza é indiciária dos jogos de interesse e narrativas alinhavados no presente, cabe destacar alguns aspectos que contribuem para afiançar uma tradição de estudos nesta área, implicados na problematização das iniciativas em torno da preservação do acervo pessoal de Helelith Saffioti.

O primeiro deles diz respeito à fotografia do campo de estudo que é ali salvaguardada e apresentada. Embora a própria Helelith Saffioti tenha, em um primeiro momento, muito se queixado da pouca bibliografia disponível na época e da resistência que enfrentou ao incorporar a categoria “gênero” para entendimento das relações de trabalho, sua biblioteca pessoal é rastro da inserção e do fortalecimento dos estudos de gênero dentro e fora do marxismo. Segundo aspecto: a validação acadêmica e política da colecionadora, que adquiriu proeminência dentro e fora do Brasil pelo conjunto de sua obra. Tal validação, vale dizer, foi construída ao longo do tempo, tendo se desdobrado em prêmios e honrarias, principalmente, após o início dos anos 2000. Por fim, os arranjos em torno do acervo e da biblioteca pessoal de Helelith Saffioti conversam também com negociações e acordos em torno do uso do espaço da universidade, fazendo ver uma estrutura cuja existência, atualmente, fomenta o amparo institucional para a realização de atividades extensionistas.

Dito de outro modo, a organização, preservação e publicização dos acervos tanto não é uma atividade neutra que demanda do pesquisador o contínuo exercício de se perguntar o que está sendo memorializado e de que forma. Tais lembretes, já alinhavados por Terry Cook (1998), reverberam no campo dos estudos históricos fazendo lembrar que a relação do pesquisador com o arquivo não é linear, tal qual as experiências de análise que dela emergem. Neste esteio, entende-se que a organização e custódia do acervo pessoal de Helelith Saffioti não apenas salvaguarda aspectos específicos de sua trajetória pessoal e acadêmica, como também contribui e valida um reordenamento do campo disciplinar do qual a própria professora fez parte e com o qual a instituição custodiadora quer manter proximidade.

102

Fecha de recepción: 22/05/2025

Fecha de aceptación: 14/08/2025

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e aos funcionários e funcionárias da Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAr/Unesp).

Referências bibliográficas

- Almeida, D. B. (2021). *Percursos de um Arq-Vivo: entre arquivos e experiências na pesquisa em história da educação*. Editora Letra1.
- Alves, A. P. M. (2015). História e memória por meio de coleções especiais: o caso da biblioteca da Unesp/FclAr. En B. V. G. Vieira & A. P. M. Alves (Orgs.), *Acervos especiais: memórias e diálogos* (pp. 45-69). Cultura Acadêmica.
- Artières, P. (1998). Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, 11(21), 9-34. <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2061>
- Baeza, T. M. M. (2004). *Manual de trabalho em arquivos escolares*. Secretaria de Educação; Centro de Referência em Educação Mario Covas.
- Bellotto, H. L. (2006). *Arquivos permanentes: tratamento documental* (4a ed.). Editora FGV.
- Bellotto, H. L. (1998). Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debate com Terry Cook. *Estudos Históricos*, 11(21), 201-207. <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2063>
- Bellotto, H. L. (1989). Universidade e arquivos: perfil, história e convergência. *Transinformação*, 1(3), 15-28. <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/1679>
- Brasil. Ministério da Educação. (2020). *Tabela de Áreas de Conhecimento/Avaliação*. <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/instrumentos/documentos-de-apoio/tabela-de-areas-de-conhecimento-avaliacao>
- Camargo, A. M. de A. (2009). Arquivos pessoais são arquivos. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, 45(2), 28-39.
- Camargo, A. M. de A. (1998). Contribuição para uma abordagem diplomática dos arquivos pessoais. *Estudos Históricos*, 11(21), 169-174. <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2065>
- Campos, J. F. G. (2014). *Preservando a memória da ciência brasileira: os arquivos pessoais de professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo* [Tesis de maestría, Universidad de São Paulo]. Repositorio de Tesis USP. <https://doi.org/10.11606/D.8.2014.tde-11122014-190123>
- Cerchiaro, M. M., & Alves, C. (2022). Mulheres, histórias e arquivos. *História e Cultura*, 11(1), 7-12.
- Chaloba, R. F. de, Mori, B., & Arena, H. G. (2021). Andanças e Invencionices de Mário de Andrade no Ninho da Luz: ações educativas de difusão da literatura modernista e da história local na Chácara Sapucaia (Araraquara – SP). *Revista UFG*, 21, e21.64945. <https://doi.org/10.5216/revufg.v21.64945>
- Chartier, R. (1998) *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora da UNESP.
- Cook, T. (1998). Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. *Estudos Históricos*, 11(21), 129-150.
- Cunha, M. T. S. (2019). *(Des)arquivar: arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente*. Rafael Copetti Editor.
- Cunha, M. T. S. (2012). Rastros de leituras: um estudo no acervo de livros do Museu da Escola Catarinense (décadas de 20 a 60 do século XX). *Educação*, 35(1), 18-27.

- Cunha, M. T. S., & Souza, F. de F. (2015). *Viver e escrever - Cadernos e escritas ordinárias de um professor catarinense (Séc XX)*. Insular.
- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara. (1967). *Programa de Concurso de Docência Livre da Cadeira de Sociologia e Fundamentos Sociológicos da Educação*.
- Freitag, B. (2005). Florestan Fernandes: revisitado. *Estudos Avançados*, 19(55), 229-243. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142005000300016>
- Fundação Biblioteca Nacional. (2012). *Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras 16º Curso Informativo Sobre Preservação de Acervos*. <https://antigo.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/apresentacao/criterios-raridade-fundacao-biblioteca-nacional//criteriosraridadefbn.pdf>
- Garcia, M. M. A. de M. M. (1998). Os documentos pessoais no espaço público. *Estudos Históricos*, 11(21), 109-120. <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2070>
- Gomes, A. de C. (1998). Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, 11(21), 99-108. <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2069>
- Gonçalves, R. (2011). O feminismo marxista de Heleieth Saffioti. *Lutas Sociais*, (27), 119-131. <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18737>
- Gonçalves, R., & Branco, C. (2011). Entrevista – Heleieth Saffioti por ela mesma: antecedentes de “A mulher na sociedade de classes”. *Lutas Sociais*, (27), 132-146. <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18768>
- Greenhalgh, R. D., & Giuberti, M. (2022). Coleções especiais: uma análise da formação dos acervos nas bibliotecas brasileiras. *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, 35(2), 1-20. <https://doi.org/10.14295/biblos.v35i2.13340>
- Meneses, U. B. (1998). Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *Estudos Históricos*, 11(21), 89-98. <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2067>
- Motta, D. C. (2019). [en original 2018] Desvendando Heleieth Saffioti. *Lutas Sociais*, 22(40), 149–160. <https://doi.org/10.23925/ls.v22i40.46662>
- Nascimento, L. B. G. (2022a). *Apresentação, histórico e missão*. Biblioteca da FCLAr. <https://www.fclar.unesp.br/#!/biblioteca/sobre/apresentacao/>
- Nascimento, L. B. G. (2022b). *Biblioteca Heleieth Saffioti*. Biblioteca da FCLAr – Coleções Araraquara. <https://www.fclar.unesp.br/#!/biblioteca/acervo/colecoes-especiais/biblioteca-heleieth-saffioti/>
- Paulilo, A. L. (2022). Números entre letras: o arquivo pessoal de Malba Tahan. *Diálogo Educacional*, 22(75), 1620-1641. <https://doi.org/10.7213/1981-416X.22.075.AO01>
- Pinto, C. R. J. (2014). O feminismo bem-comportado de Heleieth Saffioti (presença do marxismo). *Revista Estudos Feministas*, 22(1), 317-323. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000100017>
- Pinto, J. P. (2004). *A leitura e seus lugares*. Estação Liberdade.
- Saffioti, H. (1969). *Profissionalização feminina: professoras primárias e operárias*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
- Saffioti, H. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. Fundação Perseu Abramo.

- Sanches, J. R. *Sobre a Faculdade de Ciências e Letras*. Unesp - Faculdade de Ciências e Letras.
<https://www.fclar.unesp.br/#!/instituicao/>
- Santos, P. V. A., & Tenaglia, M. (2024). A institucionalização dos arquivos pessoais na Universidade Federal do Pará: um estudo de caso sobre o Arquivo Central, Biblioteca Central e Museu. *Ágora: Arquivologia em Debate*, 34(69), 1-24. <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/1261>
- Schütz, K. S. W. (2022). Um arquivo em migalhas: o arquivo pessoal “público” de um historiador catarinense. *Diálogo Educacional*, 22(75), 1547-1563.
- Silva, M. A. de M. (s.d.). *Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (1934-2010)*. <https://www.fclar.unesp.br/Home/Biblioteca/colecoesespeciais/live-unesp-heleieth.pdf>
- Simioni, A. P. C., & Eleutério, M. de L. (2018). Mulheres, arquivos e memórias. *Revisita do Instituto de Estudos Brasileiros*, (71), 19-27. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i71p19-27>
- Spohr, M. (2023) Arquivos pessoais: debates contemporâneos. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 36 (79), 225-228.. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/89355/83892> .
- Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. (2012). *Implantação do Centro de Documentação e Memória “Professora Dra. Heleieth Iara Bongiovani Saffioti”*.
- Vassallo, J. (2018). Mujeres y patrimonio cultural: el desafío de preservar lo que se invisibiliza. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, (71), 80-94. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i71p80-94>
- 105 Vieira, H. J. (2023). “Arquivar a própria vida” 25 anos depois: diálogos com Philippe Artières. *Estudos Históricos*, 36(79), 225-228. <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/88666>

Biografias

Carolina Cechella Philippi

Professora assistente doutora junto ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Professora credenciada no Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas.

Anaterra Carrara Feltre

Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Foi bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) no projeto intitulado “O que lê uma feminista? - Gênero e educação na biblioteca de Heleieth Saffioti”. Tem como interesse as áreas: História e Sociologia da Educação, História da profissão docente, Bibliotecas pessoais.

Marina Silva de Oliveira

Graduando em Licenciatura Plena no curso de Pedagogia Pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Foi bolsista pela CAPES onde desenvolveu o projeto “História, políticas públicas e instrução: Impressos, sujeitos e sociabilidades” e também bolsista CNPq através do projeto “Feminista, graças a Deus”: Autoras, gênero e educação na biblioteca Heleith Saffioti”. Tem como interesse as áreas de História da Educação, Acervos pessoais e autorias femininas.